

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Saberes do campo: a comunidade de agricultores agroecológicos e a escola do campo no
município de Cunha/SP

Elaborado por

JULIANA SOUZA DE OLIVEIRA

Orientador

RAMOFLY BICALHO DOS SANTOS

SEROPÉDICA – 2015

JULIANA SOUZA DE OLIVEIRA

RAMOFLY BICALHO DOS SANTOS

Saberes do campo: a comunidade de agricultores agroecológicos e a escola do campo no município de Cunha/SP

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas do Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

DEZEMBRO – 2015

Saberes do campo: a comunidade de agricultores agroecológicos e a escola do campo no município de Cunha/SP

JULIANA SOUZA DE OLIVEIRA

APROVADO EM: 16/12/2015

BANCA EXAMINADORA:

PRESIDENTE/ORIENTADOR Ramofly Bicalho dos Santos

Prof. Dr. Ramofly Bicalho dos Santos, UFRRJ

MEMBRO TITULAR: Benjamin Carvalho Teixeira Pinto

Prof. Dr. Benjamin Carvalho Teixeira Pinto, UFRRJ

MEMBRO TITULAR: Lana Claudia de Souza Fonseca

Prof^ªDr^ª Lana Claudia de Souza Fonseca, UFRRJ

MEMBRO SUPLENTE: _____

Prof^ªDr^ª Maria Verônica Leite Pereira Moura, UFRRJ

Agradecimentos

Acredito que devo agradecer a Deus, mesmo não tendo uma boa relação com Ele, reconheço que se não fosse essa força, eu não teria saído de outro estado com meus 17 anos e vindo a uma terra estranha a meus costumes, sem conhecer ninguém, para seguir meu sonho de cursar Ciências Biológicas e não ter desistido mesmo quando estava fraca. De alguma forma eu tinha que estar aqui, agora, e dessa forma. E isso é inerente a Seu plano.

Agradeço a minha família, por todo amor e carinho que dedicaram a mim, a distância só aumentou o a importância que tem, eu os amo.

A meus pais eu dedico esse trabalho, e tudo que pude conquistar na minha vida. Lembro-me que muitas vezes fechamos o mês “no vermelho”, como diziam, porque escolheram pagar para meu irmão e eu a melhor escola que podiam, pois queriam nos dar tudo aquilo que não puderam ter, agradeço por toda dedicação e amor que me deram. Agradeço a minha mãe *in memoriam* que durante toda sua vida dedicou-se de corpo e alma a nós dar amor, ensinar o que é certo e o que é errado na vida, por sentar comigo e me ensinar questões de matemática do jeito fácil, pelos “incentivos” para deixar de preguiça e escrever bonito no caderno de caligrafia. Mas eu nunca vi uma pessoa pra falar com tanto orgulho dos seus filhos, talvez porque soubesse que fez o seu melhor, lágrimas nunca serão suficientes para expressar tamanha falta que você me faz. Foi minha mãe e amiga, que me ouvia, me aconselhava me dava cobertura com os “namoradinhos”, brigávamos (e como brigávamos), mas o principal, não há uma pessoa nesse mundo que me amasse mais do que ela me amou, obrigado mãe por ter sido tudo para mim. Agradeço a meu pai, pois para que não nos faltasse nada precisou dispor do seu tempo com a família. Não tínhamos uma relação tão próxima, mas não significa que faltava amor, no entanto o destino nos fez aprender do jeito difícil que precisávamos ser amigos também. Eu preciso agradecer principalmente por ter engolido sua dor para ajudar a amenizar a minha dor, eu já disse uma vez que única coisa boa advindo dessa situação foi que eu descobri que podíamos ser amigos, que pudemos aos poucos nos aproximar.

Dizem que Deus põe pessoas certas nos momentos certos da nossa vida, sem dúvida agradeço por estar na minha vida “branquinho” (Gustavo), você me apareceu no momento que parecia que toda felicidade do mundo tinha sumido, com muito mais paciência (da sua parte) esta na minha vida há 3 anos e com certeza se consigo sorrir hoje você tem grande participação nisso. Devo agradecer também, pois, transcrever meus áudios da monografia de graça, só com muito amor envolvido.

Ainda sobre pessoas certas nos momentos certos, o que seria de mim se não tivesse encontrado aquela “minhoca” que não sabia onde era o IB, vou dizer que ficar perdida foi a melhor coisa aquele primeiro dia. Thamires você foi realmente enviado por Ele, e como não amar, porque ser minha amiga há 4 anos não é pra qualquer um (rs) tem que ser forte. Brincadeiras a parte, eu agradeço a você por ser essa pessoa paciente, amiga, psicóloga, e as vezes dar aquelas broncas de mãe e principalmente por me fazer acreditar que passaria em estatística quando só um milagre me passaria (nas duas!!!), se eu for falar tudo que já fez por mim, mulher, seria uma monografia!!!

Agradeço a minha família de Girassol (condomínio), Diego, Edu (pai postiço) e Lucão, do início ao fim, vocês foram minha família mesmo, horas de aperto ou de cachaça, quer dizer felicidade, tanta coisa aconteceu, e estamos sempre juntos, mesmo eu sendo um bicho do mato segundo o Diego. Com certeza será difícil partir, vocês têm hectares no meu coração, amo vocês muito!

A todos os amigos que fiz nessa rural, amigos mesmo, pois já dizia alguém por ai “o que a rural constrói nada nem ninguém destrói”, espero vê-los mesmo quando a rotina nos tomar, eu espero sempre poder ter aquele tempinho pra ouvir de vocês o que têm feito. Não os nomearei, pois sabem quem os são. Minhas pragas.

Um agradecimento especial a minha prima Sintia, pois, foi a grande facilitadora dessa monografia, não seria possível mesmo, sem sua ajuda. Muito obrigado por ter se disposto a correr atrás (literalmente) dos entrevistados, de me disponibilizar todo material. Por me apresentar á equipe SerrAcima juntamente com os agricultores aos quais tem minha imensa gratidão, sem dúvidas foi uma das melhores experiências nesse meu período da graduação, aprendi muito com vocês.

Não esqueci, “prof” Ramofly, muito obrigado por ter confiado em mim, sem ao menos me conhecer, ter aceitado essa empreitada de fazer uma monografia com pouco

menos de 4 meses, só um milagre mesmo. Mas com certeza prof. seu bom humor e seu carinho foram grandes incentivadores, gostei muito de conhece-lo e admiro-o muito, pelo seu trabalho e pela sua pessoa. Obrigado.

Agradeço a todos os membros da banca por aceitarem o convite, e por terem contribuído para minha formação ao decorrer desses anos, muito obrigada.

Resumo

O objetivo deste trabalho é compreender os fatores que influenciam na decisão dos jovens, filhos de agricultores e alunos em escola do campo nas séries finais do ensino básico, a permanecer ou não atuando como profissionais rurais no município de Cunha, São Paulo. Trabalhou-se com a metodologia da história oral, onde os entrevistados: 2 jovens do ensino médio e 1 da nona série do fundamental, 2 familiares agricultores, responderam a perguntas guias e também contam um pouco do dia-a-dia no campo incluindo o dia desses alunos na escola principalmente nas aulas de biologia. A fim de entender o contexto em que esses alunos do ensino médio e da nona série fundamental de escola do campo estão inseridos. Entrevistamos seus pais, a respeito do trabalho desenvolvido e o cotidiano junto a seus filhos. Os pais fazem parte de um grupo de agricultores agroecológicos que ganharam força em Cunha graças a iniciativa da OSCIP (organização da sociedade civil de interesse público) SerrAcima com a parceria da Petrobras. Dos 3 jovens apenas um deles enxerga no campo uma possibilidade para sua formação pessoal, esta encontra apoio em sua casa. Com os dados coletados das entrevistas pude observar que apesar do estudante do campo vivenciar, através de seus pais, junto a SerrAcima novas oportunidades, como produtores orgânicos, ainda têm dificuldades de enxergar oportunidades de crescimento profissional no campo, talvez por conta da pressão do agronegócio. Esta questão não é abordada dentro da sala de aula. A escola está no campo, mas o campo não está no contexto escolar.

Palavras-chave: Saberes do Campo, Escolas do campo, Agroecologia, Cunha.

Abstract

The purpose of this work is to understand the factors that influence the decision of young people, children of farmers and rural school students in the final grades of primary school, to stay or not acting as professionals in the rural city of Cunha, Sao Paulo. Worked with the methodology of oral history, where respondents: 2 young high school and one in the ninth grade of primary, three farmers, answered guides questions and also tell a little of the day-to-day including field the day these students in school especially in biology classes. In order to understand the context in which these high school students and the ninth series key field school are inserted. We interviewed their parents about the work and daily life with his children. Parents are part of a group of agroecological farmers gained strength Wedge thanks to the initiative of OSCIP (civil society organization of public interest) SerrAcima in partnership with Petrobras. With the data collected from interviews I observed that although the field of student experience, through their parents, along with SerrAcima new opportunities, such as organic producers still have difficulties to see professional growth opportunities in the field, perhaps because of the agribusiness pressure . This issue is not addressed in the classroom. The school is in the field, but the field is not in the school context.

Keywords: Knowledge Field, Schools field, Agroecology, Cunha.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
1.1. Apresentação	11
1.2. Breve histórico sobre escola e educação do campo	12
1.3. Questão econômica do Campo, olhar sobre Cunha – SP.....	17
2. MATERIAIS E MÉTODOS.....	22
2.1. Caracterização local de Cunha	22
2.2. Dados das Entrevistas.....	25
3. - RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	26
4. ANEXOS	33
REFERENCIAS.....	42

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Mapa da localização do município de Cunha/SP 23

FIGURA 2: Pirâmide Etária Cunha/SP 26

LISTA DE ANEXOS

ANEXO I – Perguntas Norteadoras 33

ANEXO II – Entrevistas..... 34

1. INTRODUÇÃO

1.1. Apresentação

É conveniente salientar os motivos que me trouxeram a escolher a temática educação do campo e sua íntima relação com a agricultura familiar e, principalmente, com a saída dos jovens do campo. Minha família materna é vinda integralmente do campo, mais precisamente, de Campos Novos de Cunha, distrito do município Cunha/SP. Desde as primeiras gerações até a infância de minha mãe, a economia deles era baseada em tudo o que pudessem plantar e o que pudessem trocar com seus vizinhos. Tinham pouca escolaridade, ou nenhuma. Muitas mulheres estudavam o primeiro ano do ensino fundamental apenas para aprender a ler e escrever o básico, como aconteceu com minha avó. Os homens geralmente não tinham nem essa vivência escolar, pois, desde seus poucos anos de idade já tinham que ajudar seus pais na lida do campo.

Minha avó e sua irmã saíram de Cunha e foram buscar uma oportunidade de trabalho em São Paulo, por volta de 1970, somente algum tempo depois buscou minha mãe para cidade. Alguns familiares permaneceram no local, outros aproveitaram a oportunidade e vieram com minha avó. Eu nasci na capital São Paulo, porém tive muito contato com Cunha, através dos familiares cerca dois meses por ano eu me deslocava para Cunha. Hoje em dia tenho menos contato devido às responsabilidades da graduação. Apesar da maioria dos jovens com a minha idade, não mais morarem lá. Quando terminam o Ensino Médio, vão encontrar emprego nas cidades mais próximas, como Guaratinguetá e Lorena. Segundo esses jovens, eles possuem mais oportunidades de trabalhos, diferente da vida de produtor rural. Esse esvaziamento dos jovens no campo me instigou pesquisar a realidade educacional e a vida do campo em Cunha, local onde tenho minhas raízes, histórias e memórias.

O objetivo principal desse trabalho foi entender o ponto de vista do estudante a respeito da realidade da vida no campo, seu dia-a-dia escolar e os fatos que os rodeia. Procurou-se entender através de seus relatos orais, como enxergavam o campo, e sua visão como parte integrante deste meio. Em acréscimo, como os fatores como o incentivo escolar e o incentivo familiar auxiliavam na formação de opinião a respeito das perspectivas para sua atuação dentro ou fora do campo.

1.2. Breve histórico sobre escola e educação do campo

O campo é lugar de vida, onde as pessoas podem morar, trabalhar e estudar com dignidade de quem tem seu lugar, a sua identidade cultural. O campo não é só lugar da produção agropecuária e agroindustrial, do latifúndio e da grilagem. Este é o espaço e território de camponeses e quilombolas. É no campo que estão às florestas, onde vivem as diversas nações indígenas. O campo é, sobretudo, lugar de educação.

Desde a Constituição de 1824, a demanda educacional foi em favor das classes médias. Buscavam por meio dela, ascensão social, assim como, ingresso no recente processo de industrialização. Segundo JESUS (2006) não havia preocupação com a educação no meio rural, era considerada desnecessária. Havendo o estreitamento da função da escola na sociedade capitalista, privilegiou-se apenas a preparação para o trabalho e manutenção do *status quo*.

A Constituição Federal de 1934 foi a primeira a mencionar o homem do campo, destinando recursos para a educação rural, atribuindo à União a responsabilidade pelo financiamento do ensino nessas áreas. Observa-se que no texto constitucional de 1934 a educação rural está contemplada no artigo 121, parágrafo 4º:

O trabalho agrícola será objeto de regulamentação especial em que se atenderá, quanto possível, ao disposto nesse artigo. Procurar-se-á fixar o homem ao campo, cuidar de sua educação rural, e assegurar ao trabalhador nacional a preferência na colonização e aproveitamento das terras públicas.

O artigo 156, por sua vez, *para realização do ensino nas zonas rurais, a União reservará, no mínimo, vinte por cento das quotas destinadas a educação no respectivo orçamento anual.*

A Constituição de 1934 vigorou apenas por três anos, pois ao intencionar estabelecer uma ordem liberal e moderna, fortalecendo o Estado, de alguma forma, desagradaram setores da burguesia e levou o então presidente Getúlio Vargas a expressar publicamente a insatisfação com o texto constitucional, em 1937.

Em 1937 com a nova constituição do Estado Novo, o governo volta sua atenção para a escola rural com a criação da Sociedade Brasileira de Educação Rural, “expansão do ensino e preservação da arte e folclores rurais [...] o papel da educação como canal de difusão ideológica. Era preciso alfabetizar, mas sem descuidar dos princípios de disciplina e civismo” (Leite, 2002, p.30). Esse governo mostra cada vez mais interesse

nas possibilidades ideológicas da ação educativa, assim a educação era entendida como um instrumento do estado e, como tal, deveria servir aos seus interesses.

Novas modificações ocorrem na educação com a constituição de 1946 Nos artigos 166, 167 e 168 lemos respectivamente:

A educação é direito de todos e será dada no lar e na escola. Deve inspirar-se nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana. O ensino dos diferentes ramos será ministrado pelos Poderes Públicos e é livre à iniciativa particular, respeitadas as leis que o regulem. A legislação do ensino adotará os seguintes princípios: I - o ensino primário é obrigatório e só será dado na língua nacional; II - o ensino primário oficial é gratuito para todos; o ensino oficial ulterior ao primário sê-lo-á para quantos provarem falta ou insuficiência de recursos; III - as empresas industriais, comerciais e agrícolas, em que trabalhem mais de cem pessoas, são obrigadas a manter ensino primário gratuito para os seus servidores e os filhos destes; IV - as empresas industriais e comerciais são obrigadas a ministrar, em cooperação, aprendizagem aos seus trabalhadores menores, pela forma que a lei estabelecer, respeitados os direitos dos professores; V - o ensino religioso constitui disciplina dos horários das escolas oficiais, é de matrícula facultativa e será ministrado de acordo com a confissão religiosa do aluno, manifestada por ele, se for capaz, ou pelo seu representante legal ou responsável.

É primordial salientar o abismo entre educação do campo e educação rural, tal como posta no debate acadêmico e político na atualidade. O termo “campo” é resultado de uma nomenclatura proclamada pelos movimentos sociais e foi adotada pelas instâncias governamentais e suas políticas públicas educacionais, mesmo quando ainda relutantemente pronunciada em alguns universos acadêmicos de estudos rurais. (ARROYO & FERNANDES, 1999).

Enquanto o termo rural é carregado de anos de negligência e preconceito sobre o residente do campo, embora ainda exista aqueles que se refira para denominar exemplo de atraso frente aos avanços tecnológicos advindo da revolução industrial, o crescimento da cidade e das demandas de trabalho especializado, a educação que se fazia na cidade era para suprir as demandas do novo sistema. Rural carrega certo desvalho do significado que o campo tem para seus protagonistas e para aqueles que dele dependem, ou seja, todos. Confirma SOUZA (2008) que na trajetória da educação no meio rural, em estudo realizado, mostra que o homem do campo foi concebido, como exemplo do atraso, e a política educacional se organizava em conformidade com os interesses capitalistas predominantes em cada conjuntura.

Desde 1920 estava acontecendo um aumento no fluxo migratório do campo para os centros urbanos industrializados, a procura de melhores oportunidades de emprego, por consequência ocorreu um grande aumento populacional nas cidades o que originou graves problemas de ordem social e política. Diante deste contexto, começa a aparecer algum interesse em torno da educação rural, no sentido de conter a migração rural e urbana e de tal modo a evitar um colapso nas cidades e manter o trabalhador no campo. Essa linha de pensamento afirma JESUS (2008, p.2):

(...) denominada de *ruralismo pedagógico*, não havia nenhuma preocupação com as necessidades dos sujeitos do campo, somente a preocupação salvacionista dos patronos, a qual consistia em transformar crianças indígenas em “cidadãos” prestimosos, unindo para isso educação e trabalho, atendendo aos interesses das elites.

A educação para o meio rural ganha atenção dos olhos capitalistas, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1961 (Lei nº 4.024/61), não houve efetiva preocupação com a educação rural e sim com a educação urbana. A responsabilidade da educação ficou a cargo dos municípios, o que leva a uma situação muito precária para o sujeito do campo, pois os municípios pequenos não tinham condições de sustentar uma educação voltada ao sujeito do campo.

O modelo educativo ainda comumente utilizado no campo é baseado num modelo advindo dos centros urbanos. Ainda é recente o entendimento de que o campo não poderia ter o mesmo modelo e foco de ensino que a cidade, afinal são realidades e contextos diferentes. A educação do campo é feita com a participação dos seus sujeitos, enquanto protagonistas. Alguns autores afirmam que a educação “no” campo (rural), traz a ideia de passividade. Onde os sujeitos são considerados desprovidos de qualquer conhecimento e deveria ser inserido no processo de ensino-aprendizagem, como uma folha em branco a ser escrita. Segundo OLIVEIRA et al (2005):

A superação da educação rural vista apenas como uma formação mercadológica e a recente concepção de educação do campo foram constituídas por uma longa trajetória de lutas e discussões no interior dos movimentos sociais, das entidades, representações civis, sociais e dos sujeitos do campo.

Nos anos de 1960, em plena ditadura militar, os movimentos sociais resistiram à repressão. Mais recentemente, a partir de meados da década de 1980, as organizações da sociedade civil, especialmente as ligadas à educação popular, incluíram a educação do campo na pauta dos temas estratégicos para a redemocratização do país. A ideia era

reivindicar e simultaneamente construir um modelo de educação sintonizado com as particularidades culturais, os direitos sociais e as necessidades próprias da vida dos camponeses.

A Constituição de 1988 é um marco para a educação brasileira, porque contribuiu com uma ampla movimentação da sociedade em torno da garantia dos direitos sociais e políticos, inclusive, o acesso de todos os brasileiros/as à educação escolar como uma premissa básica da democracia. Ao afirmar que “o acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo” (Art. 208), ergueu os pilares jurídicos sobre os quais viria a ser edificada uma legislação educacional capaz de sustentar o cumprimento desse direito pelo Estado brasileiro. A educação escolar que contemple os povos do campo passa a ser abordada como segmento específico, cheia de implicações sociais e pedagógicas próprias. (BRASIL,1988).

A atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96) estabeleceu uma base comum a todas as regiões do país, a ser complementada pelos sistemas federal, estaduais e municipais de ensino e determina a adequação da educação e do calendário escolar às peculiaridades da vida rural e de cada região. Estabelece em seu artigo 28: “Na oferta da educação básica para a população rural, os sistemas de ensino proverão as adaptações necessárias à sua adequação, às peculiaridades da vida rural e de cada região, no inciso I- conteúdos curriculares e metodologia apropriada às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II- organização escolar própria, incluindo a adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III- adequação à natureza do trabalho na zona rural”. (BRASIL, 1996).

Em 1998, foi instituído o Programa Nacional de Educação da Reforma Agrária – PRONERA, junto ao Ministério Extraordinário da Política Fundiária (MEPF), hoje Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). Este programa representa uma parceria estratégica entre Governo Federal, Instituições de Ensino Superior e Movimentos Sociais do campo para elevação de escolaridade de jovens e adultos em áreas de reforma agrária e formação de professores para as escolas localizadas em assentamentos.

Em 2004 foi criada a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – SECAD, atualmente SECADI, à qual está vinculada a Coordenação Geral de Educação do Campo. Significa a inclusão na estrutura estatal federal de uma

instância responsável, especificamente, pelo atendimento dessa demanda, a partir do reconhecimento de suas necessidades e singularidades.

A educação do campo tem a intenção de atender essas especificidades e oferecer uma educação de qualidade, como apontada no caderno da SECAD (2007, p. 9): “(...) *adequada ao modo de viver, pensar e produzir das populações identificadas com o campo – agricultores, criadores, extrativistas, pescadores, ribeirinhos, caiçaras, quilombolas, seringueiros*”. Esta é a educação que está comprometida com os valores e necessidades dos camponeses. Que entende os processos educativos na diversidade de dimensões. Que os constituiem como processos sociais, políticos e culturais, formadores do ser humano e da própria sociedade. (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2004).

Segundo ARROYO (2004) o processo da educação do campo envolve todo o sentido do trabalho das lutas sociais e culturais dos camponeses na sua diversidade, enquanto trabalhadores desse meio. SANTOS (2011) relata sobre a importância dos sujeitos, individuais e coletivos, na consolidação de consciências e responsabilidades dos envolvidos com a educação do campo.

SOUZA (2008) em seu trabalho afirma que as Escolas Famílias Agrícolas – EFAs e as Casas Familiares Rurais – CFRs, experiências desenvolvidas com a metodologia Freireana, presentes em Alagoas e Pernambuco, tem se estendido para as demais regiões do Brasil. (ANDRADE & DI PIERRO, 2004), afirmam que os sujeitos centrais desse processo são os filhos dos pequenos produtores e utilizam-se da Pedagogia da Alternância, caracterizada por um projeto pedagógico que reúne atividades escolares e outras planejadas para desenvolvimento na propriedade de origem do estudante. Essa proposta pedagógica é executada a partir da divisão sistemática dos tempos e das atividades didáticas entre a escola e o ambiente familiar. Esse modelo tem sido estudado e elogiado por grandes educadores brasileiros e é apontado pelos movimentos sociais como uma das alternativas promissoras para uma Educação do Campo com qualidade.

A formação do indivíduo do campo na sua integralidade vai além da necessidade de ensino adequado, mas de uma educação que integre a formação pessoal e a formação intelectual, possibilitando a criação de uma identidade individual e coletiva do campo. Para atender a essa demanda, se faz imprescindível que o educador esteja preparado para enfrentar essa realidade no campo e do campo. Adversidades, como por exemplo, a falta de infra-estrutura nas escolas do campo para educadores e educandos.

Importante defender a iniciativa da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – SECAD/MEC e da Secretaria de Educação Superior – SESU, cujo objetivo é apoiar programas integrados de licenciaturas que proponham alternativas de organização do trabalho escolar e pedagógico e viabilize a expansão da educação básica para o campo, com a qualidade exigida pela dinâmica social e pela necessidade de se reverter a histórica desigualdade que sofrem os povos do campo. (Cadernos SECAD)

Mesmo diante de avanços consideráveis para o fortalecimento da concepção de educação do campo, podemos constatar que a educação rural ainda é uma realidade. Permanece a serviço do agronegócio, do latifúndio, do agrotóxico, dos transgênicos e da exportação. Sua prioridade é o fortalecimento da mecanização e a inserção do controle químico das culturas, em detrimento das condições de vida do homem e da mulher no campo (MARTINS, 2009).

O quadro da educação do campo ganha um importante marco com Edital do PRONERA/2009 que estabelece as Licenciaturas em Educação do Campo. As licenciaturas em educação do campo, oferecidas por inúmeras universidades públicas espalhadas por esse Brasil, incluindo a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, o curso de Licenciaturas do Campo vem com o objetivo de preparar educadores para corresponder a demandas de uma educação voltada para campo e os assentados da reforma agrária.

1.3. Questão econômica do Campo, olhar sobre Cunha – SP.

Após a 2ª Guerra Mundial, a agricultura sofreu uma grande mudança, uma vez que o conhecimento humano avançou nas áreas da química industrial e farmacêutica. Logo depois desta fase com o objetivo de reconstruir países destruídos e dar base a um crescente aumento populacional, surgiram os adubos sintéticos e agrotóxicos seguidos, posteriormente, das sementes geneticamente melhoradas. Em vista da necessidade de produção rápida em grande escala de alimentos, se fez um sistema de produção agrícola baseado na aplicação de agroquímicos, hoje denominada agricultura convencional.

A Revolução Verde, terminologia esta que foi primeiramente utilizada numa conferência em Washington em 1966, surgiu com o propósito de aumentar a produção agrícola através do desenvolvimento de pesquisas em sementes, fertilização do solo e utilização de máquinas no campo que aumentassem a produtividade. Esse programa foi financiado pelo grupo Rockefeller, sediado em Nova Iorque. Utilizando um discurso

ideológico de aumentar a produção de alimentos para acabar com a fome no mundo, o grupo Rockefeller expandiu seu mercado consumidor, fortalecendo a corporação com vendas de verdadeiros pacotes de insumos agrícolas, principalmente para países em desenvolvimento como Índia, Brasil e México, como sabemos o problema da fome mundial não fora solucionado, mesmo tendo havido um real aumento na produção de alimentos, porém também houve aumento do consumo de agrotóxicos e desperdícios advindo dessa alta produção. Porém, esta é uma questão política e não meramente técnica, pois segundo dados da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO, 2012), a produção mundial de alimentos é capaz de alimentar a população do planeta, porém, seguimos longe da soberania alimentar¹, convivendo com 1 bilhão de pessoas com algum tipo de desnutrição.

No que diz respeito ao perfil socioeconômico da população rural do Brasil, é grande a desigualdade existente entre as zonas rural e urbana e entre as grandes regiões é um retrato do contexto histórico do Brasil, vivido desde os primórdios, com economia baseada na exportação da matéria prima e importação da tecnologia com ela gerada, o campo tem o papel de fonte para produtos de exportação. Sendo o investimento em tecnologias no campo com o propósito de aumentar a produção agrícola convencional a qualquer custo.

Em cerca de meio século de hegemonia o modelo de desenvolvimento para o campo difundido a partir da Revolução Verde foi a expansão de monocultivos por grandes empresas agroindustriais, mecanização da produção, intensiva utilização de insumos químicos, incorporação da biotecnologia – ainda são pouco visíveis, do ponto de vista científico, as implicações para as questões fundiária, ambiental, cultural e de saúde.

De acordo com Miranda (2012), se a produção mundial de grãos por hectare duplicou entre 1950 e 1980, o consumo de fertilizantes químicos saltou de 4 para 150 milhões de toneladas em 60 anos do século XX. Desde 2008, o Brasil ocupa o primeiro lugar no ranking mundial de consumo de agrotóxicos. Enquanto nos últimos dez anos o mercado mundial desse setor cresceu 93%, no Brasil, esse crescimento foi de 190%, de acordo com dados divulgados pela ANVISA.

¹ O conceito da Soberania Alimentar abrange o direito dos povos de definir sua política agrária e alimentar, garantindo o abastecimento de suas populações, a preservação do meio ambiente e a proteção de sua produção.

A paisagem no campo mudou expressivamente a partir da Revolução Verde na qual, florestas espessas cheias de vida deram lugar a uma espécie de deserto verde² baseado na monocultura e pecuária extensiva. Esta, responde por quase 90% de toda a atividade agropecuária realizada. Por outro lado os pequenos produtores familiares lutam para ganharem espaço e importância no mercado e grande parte desses produtores foram forçados a aderirem aos métodos utilizados pelos grandes latifundiários no uso de agrotóxicos para não perderem no mercado, a melhor aparência e maior tamanho que os adubos químicos proporcionavam atraem mais o consumidor, esses produtos geralmente tem um valor inferior ao produto livre de agrotóxicos e adubos químicos; o custo de não aderir a essa nova tecnologia poderia ser o prato vazio de suas próprias famílias. SANTOS (2013) diz:

Analisando o Brasil rural hoje deparamos com uma realidade paradoxal, de um lado a agricultura e pecuária em escala empresarial, moderna, altamente tecnificada, baseada na monocultura e no latifúndio, voltada para o mercado externo, e de outro lado, a agricultura familiar, formada de pequenos e médios produtores relegados quase que ao abandono, em detrimento da prioridade das políticas agrícolas voltadas ao modelo industrial urbano. Por forças das organizações camponesas ligadas aos setores da agricultura familiar esta realidade de exclusão por parte das políticas públicas começa a mudar a partir do final da década de 1990.

No fim da 1ª Guerra Mundial tiveram algumas iniciativas ao redor do mundo que visavam resgatar os princípios naturais, a exemplo da agricultura natural no Japão, agricultura regenerativa na França, da agricultura biológica nos Estados Unidos. Esses dentre outros movimentos tinham princípios semelhantes e passaram a ser conhecidos como agricultura orgânica. Trata-se de uma dinâmica emergente totalmente descentralizada e diversificada, assumindo diferentes denominações e conceitos. Por contrapor-se ao padrão convencional de desenvolvimento agrícola fundamentado no paradigma da Revolução Verde, esse processo inicialmente foi identificado como “agricultura alternativa”. A partir da década de 1990, sobretudo na América Latina, essa denominação imprecisa foi substituída pela de “Agroecologia”. Definida como a ciência que aplica conceitos e princípios ecológicos

A Conferência para o Desenvolvimento e o Meio Ambiente, a ECO- 92, no Rio de Janeiro, chegou-se a conclusão de que os padrões de produção e atividades humanas

² A expressão, deserto verde, é utilizada pelos ambientalistas para designar a monocultura de árvores em grandes extensões de terra para a produção de celulose, devido aos efeitos que esta monocultura causa ao meio ambiente. As árvores mais utilizadas para este cultivo são sobretudo o eucalipto, pinus e acácia. Por serem árvores de crescimento rápido, há grande absorção de água, podendo levar ao secamento das nascentes e exaustão de mananciais de água subterrânea, afetando seriamente os recursos hídricos locais

em geral, notadamente a agrícola, teriam de seres revistas. A partir desta foram criadas e desenvolvidas novas diretrizes às atividades humanas, reunidas na agenda 21, com o objetivo de alcançarmos um desenvolvimento duradouro e com o menor impacto possível, que passou a ser chamado de desenvolvimento sustentável.

O conceito de agroecologia e agricultura sustentável foi consolidado a partir da Eco 92, porém hoje o conceito se estende se referindo a um conjunto de princípios e técnicas que visam reduzir a dependência de energia externa e o impacto ambiental da atividade agrícola, produzindo alimentos mais saudáveis e valorizando o homem do campo, sua família, seu trabalho e sua cultura.

Ao longo dos tempos, a produção familiar vem resistindo ao abandono do poder público e às políticas econômicas altamente concentradoras e excludentes. A Agroecologia se apresenta como grande aliada da agricultura familiar, uma vez que valoriza os recursos disponíveis localmente e os conhecimentos acumulados pelas famílias agricultoras. Segundo os princípios agroecológicos, o ambiente local deve garantir todas as condições e os recursos necessários para a produção. Esses recursos são manejados pela arte de cultivar vinda das mãos criativas dos homens, mulheres, jovens e idosos que trabalham na zona rural, produzindo alimentos e gerando riquezas e renda para as famílias e comunidades.

A experiência brasileira, nesse campo, é particularmente rica e cheia de ensinamentos a sistematizar e socializar. Em todas as regiões do país desenvolvem-se experiências de aproximação entre instituições de ensino, pesquisa e extensão, sejam elas governamentais ou não governamentais, com organizações de agricultores mobilizados em torno do desafio de promover maiores níveis de sustentabilidade dos agroecossistemas com base nos princípios da Agroecologia. (PETERSEN; 2007).

No Brasil, atendendo a reivindicações da sociedade, com destaque para ações das mulheres do campo, em 2012 o governo lançou a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica Decreto 7.794/2012 PNAPO (cartilha PRONARA Já, 2014). Houve intensa participação da sociedade civil organizada o passo seguinte foi estabelecer uma comissão formada por membros do governo e da sociedade civil – a Comissão Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (CNAPO).

Com o objetivo articular medidas concretas que possibilitem a transformação da realidade atual da agricultura brasileira, através da criação de políticas públicas que induzam uma crescente redução no uso de agrotóxicos e a promoção da agricultura de base agroecológica, foi então criado um grupo de trabalho responsável por formular o

PRONARA: Programa Nacional de Redução de Agrotóxicos, que fora aprovado em agosto de 2014 é constituído por 6 etapas ou eixos: Primeiro eixo é o Registro, segundo Controle, Monitoramento e Responsabilização da Cadeia produtiva; terceiro Medidas Econômicas e Financeiras; quarto Desenvolvimento de Alternativas; quinto Informação, Participação e Controle Social e sexto Formação e Capacitação.(cartilha Pronara Já, 2014)

Em São Paulo os grupos de produtores familiares vêm experimentando e criando novas formas de transformar e comercializar o que produzem. Para isso têm-se organizado em diversas formas como grupos informais, associações, cooperativas, para trabalhar coletivamente as etapas da cadeia produtiva, essas associações também funcionam como uma forma de evitar os atravessadores e principalmente possibilitar o contato direto do produtor com o consumidor, gerando maior confiabilidade da origem e qualidade do produto adquirido.

Na cidade de Cunha existe uma organização de agricultores familiares agroecológicos, GAFAC³. Esse grupo foi fundado 2009 em conjunto com a OSCIP SerrAcima⁴ com projeto patrocinado pela Petrobras, graças a lei nº 9.790/99 de 2003, também conhecida como lei do Terceiro Setor foi possível a parceria do Estado e a Sociedade Civil.

Esta organização iniciou-se 1999 ainda como uma ONG, com atividades de incentivo a crianças e adolescentes, como oficinas pedagógicas, socioambientais e profissionalizantes, foi gestora entre 2003 e 2009 da Casa Abrigo “Trilhas Pedagógicas”. Essas atividades eram mantidas com recursos da Secretaria Estadual de Assistência Social, além de doações e eventos solidários. A partir de 2003 atuando como uma OSCIP expandiu sua área de atuação para o campo, dialogando com associações de bairros no entorno do Parque Estadual da Serra do Mar realizando o 1 Seminário de Agricultura e Meio Ambiente no município de Cunha.

O GAFAC surgiu na primeira etapa do projeto “Empreendimentos comunitários: criando ambientes para geração de trabalho e renda no município de Cunha-SP” da OSCIP SerrAcima, patrocinado pelo Programa Petrobras Desenvolvimento &

³ GAFAC é uma sigla para denominar Grupo de Agricultores Familiares Agroecológicos de Cunha.

⁴ Organização da Sociedade Civil de Interesse Público ou OSCIP é um título fornecido pelo Ministério da Justiça do Brasil, cuja finalidade é facilitar o aparecimento de parcerias e convênios com todos os níveis de governo e órgãos públicos. A SerrAcima – Associação de Cultura e Educação Ambiental é uma OSCIP que tem como missão contribuir para o desenvolvimento rural sustentável com base na inclusão social, na preservação, recuperação e conservação do meio ambiente, na geração de trabalho e renda e no apoio a educação e cultura em seus aspectos amplos. (texto informado pela organização)

Cidadania. Fruto da construção conjunta entre a os agricultores e a SerrAcima na transição a práticas agroecológicas que possibilitou o resgate da cultura tradicional subjugada pela Revolução Verde. Esse mesmo projeto se renovou por mais duas vezes, abrangendo mais municípios, possibilitando o avanço do trabalho na transição agroecológica das famílias, em grupos de organização da produção e comercialização através das feiras semanais de produtos agroecológicos no município, o acesso ao PNAE e conformidade da produção através da Organização e Controle Social⁵. A criação da OCS – Organização de Controle Social e cadastramento dos agricultores junto ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento se faz necessário para certificação de conformidade orgânica, na venda direta (agricultor – consumidor), nessa forma de regularização, quem dá a garantia da qualidade orgânica é o produtor, acompanhado de perto pela sociedade.

O Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE determina através da lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009, tal determina o valor de 30% do valor repassado a estados, municípios e Distrito Federal pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) para o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) deve ser utilizado na compra de gêneros alimentícios diretamente da agricultura familiar e do empreendedor familiar rural ou de suas organizações, priorizando-se os assentamentos da reforma agrária, as comunidades tradicionais indígenas e as comunidades quilombolas (BRASIL, 2009). Este tem sido um canal de comercialização interessante para os produtos agroecológicos dos agricultores familiares de Cunha, além de constituir um recurso financeiro complementar, possibilita o acesso da população local aos alimentos agroecológicos em sua região.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

2.1. Caracterização local de Cunha

Localizada no Alto Paraíba, o município de Cunha ocupa 1410 km² de colinas e montanhas aninhadas entre as serras do Quebra-Cangalha, da Bocaina e do Mar. Limita-se com Ubatuba, São Luiz do Paraitinga, Lagoinha, Guaratinguetá, Lorena, Silveiras,

⁵ Segundo a alínea VIII do Art. 2 do Decreto Nº 6.323/07, a Organização de Controle Social é definida como "grupo, associação, cooperativa ou consórcio a que está vinculado o agricultor familiar em venda direta, previamente cadastrado no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, com processo organizado de geração de credibilidade a partir da interação de pessoas ou organizações, sustentado na participação, comprometimento, transparência e confiança, reconhecido pela sociedade.

Areias, São José do Barreiro no estado de São Paulo, e a Paraty no estado do Rio de Janeiro (Figura 1). A porção paulista da bacia hidrográfica Paraíba do Sul possui 370.239 hectares de vegetação natural remanescente, correspondendo a 26% de sua superfície. Isso representa pouco mais de 34 campos de futebol. Ainda assim, é uma das bacias que possui os maiores índices de vegetação remanescente e diversidade local.



FIGURA 1: Mapa da localização do município de Cunha/SP

A cidade de Cunha é décima primeira em extensão territorial do estado de São Paulo, com aproximadamente 22 mil habitantes, sendo 45% localizados em zona rural. Os dados sobre o *uso do solo rural* da Secretaria do Meio Ambiente do estado (2008) indicam que cerca de 60% da superfície está ocupada por áreas de pastagens; 10% ocupadas com reflorestamentos e 20 % áreas com vegetação natural os 10% restantes estão ocupados por produção agrícola em Unidades de Produção Agropecuária (UPAs).

Segundo o site *O Portal de Cunha* a história do município é reflexo do próprio processo de invasão do território brasileiro pelos portugueses que buscavam aqui as riquezas para manter o alto padrão de vida da coroa portuguesa. No primeiro momento, por volta de 1500, as terras brasileiras foram divididas em Capitânicas. Em 1597, é datado o primeiro contato de expedições portuguesas com essa região. As expedições foram enviadas para desbravar o território com o objetivo de chegar ao interior do continente (Minas Gerais) e encontrar as minas para a extração do ouro. Para isso, utilizaram as rotas traçadas pelos índios Tamoios, ocupantes históricos desta região.

Estes caminhos foram denominados “Trilhas dos Guaianás”, “Trilha Velha” e, em seguida “Caminho do Ouro”.

Com o fim do ciclo do ouro e pedras preciosas, por volta de 1800, foi inserida a cultura da cana-de-açúcar, modificando, em parte, a estrutura econômica da região. Cunha possuía no ano de 1798, sete engenhos com uma razoável produção de cana-de-açúcar. Mas fortaleceu-se, de fato, como principal produtor de gêneros de primeira necessidade que abasteciam as fazendas de café que entraram em ascensão no médio Vale do Paraíba após o ciclo do ouro.

Em 1932, Cunha foi palco da Revolução Constitucionalista, quando um batalhão da marinha composto por quatrocentos praças subiu a Serra do Mar com a intenção de chegar à São Paulo, via Vale do Paraíba. Durante três meses houve intensos combates e foi dentro deste período que a cidade conheceu o seu grande herói e mártir, o lavrador Paulo Virgínio, morto por não revelar o local e a posição das tropas paulistas. Foi construído nas margens da estrada que liga Cunha a Parati um monumento em homenagem a este ilustre cidadão, passando a estrada Cunha-Parati a ser denominada Rodovia Paulo Virgínio.

No ano de 1945 a prefeitura da cidade de Cunha protocolou junto ao governo do estado, um pedido de transformação do município em Estância Climática, promulgada pelo governador de São Paulo na época, de acordo com a lei nº 182, convertendo a cidade de Cunha em Estância Climática.

No ano de 1993 a Estância Climática de Cunha assumiu de vez sua identidade turística através de seu Conselho de Desenvolvimento, realizando neste ano a sua primeira temporada de inverno com calendário de eventos e roteiro de atrações turísticas

Atualmente, o município mantém-se ligado às tradições rurais, através de atividades como a pecuária leiteira, de corte e a venda de alguns produtos *in natura* com destaque para o pinhão. A agricultura segue como a segunda principal atividade econômica. De acordo com dados da Cati– Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Projeto LUPA 2007/2008), mais de 90% das propriedades rurais de Cunha possuem menos de quatro módulos fiscais, sendo, portanto consideradas pequenas propriedades.

2.2. Dados das Entrevistas

Foram realizadas entrevistas com três jovens regularmente matriculados em escolas públicas em zona rural de Cunha sendo dois no ensino médio e um no ensino fundamental. Foram entrevistados também três familiares dos jovens, que fazem parte do grupo de agricultores agroecológicos de Cunha – GAFAC. Ambas as entrevistas seguiam a perguntas abertas servindo apenas como guias do assunto desejado a tratar, porém, específicas para cada grupo de entrevistados, versavam sobre assuntos de seus cotidianos na escola e/ou no campo (ANEXO I).

A seleção dos entrevistados seguiu o critério principal: apresentarem residência fixa em área rural do município de Cunha. Buscou-se entrevistar jovens que estivessem regularmente matriculadas em escolas públicas no campo, que estivessem cursando as últimas séries do ensino básico. Esses jovens são filhos ou netos dos agricultores do grupo GAFAC e estão cotidianamente envolvidos nas atividades desenvolvidas por esses agricultores.

Optou-se por entrevistá-los, pois, são importantes componentes para se entender a vida no campo, através de seus relatos orais. As entrevistas foram áudio-gravadas e posteriormente transcritas e utilizadas na coleta de dados para o objetivo da pesquisa (ANEXO II). A fim de preservar a identidade dos colaboradores adota-se a seguinte representação os jovens serão tratados por Estudante A (homem), Estudante B (homem) e Estudante C (mulher), assim como os agricultores entrevistados serão tratados por Agricultor A (homem), Agricultora B (mulher).

Com base em Alberti (2000), creio que trabalhar com o relato oral é colher através da fala histórias impregnadas de vida, traz ao que fala o resgate de suas experiências. Segundo a autora, “O relato pessoal (e a entrevista de história oral é basicamente um relato pessoal) transmite uma experiência coletiva, uma visão de mundo tornada possível em dada sociedade” p.2. É crescente o uso de história oral como mecanismo de pesquisa histórica como afirma Alberti (2000), “(...) a consolidação da história oral como metodologia de pesquisa se deve ao fato de a subjetividade e a experiência individual passarem a ser valorizadas como componentes importantes para a compreensão do passado”

3. - RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dados do Instituto de Brasileiro Geografia e Estatística – IBGE censo de 2010, aponta uma queda na população de jovens⁶. Quando comparados os habitantes em idade escolar até 19 anos com a população de jovens subsequente (a partir de 20 anos), este último, está entre os menores índices da categoria no município de Cunha; como podemos observar na Figura 2.

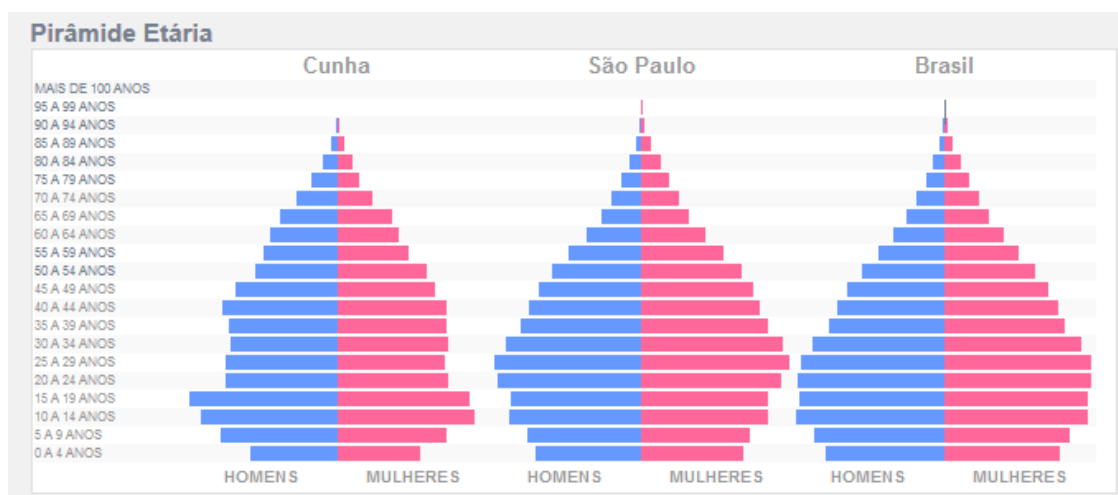


FIGURA 2: Pirâmide Etária Cunha/SP FONTE: IBGE

Apoiada em Zótiis (2011) entendo que a combinação de fatores sociais e econômicos tem contribuído substancialmente para a formação de uma geração de jovens que não se vê ligada à realidade do campo, e que tende a buscar oportunidades em subempregos nas cidades mais desenvolvidas. Na atualidade as famílias do campo são menores e esse fator é diretamente ligado ao êxodo rural, principalmente os jovens.

Traços de uma população que fora subjugada pelo latifúndio e agricultura em larga escala, a população do município de Cunha sobrevive concorrendo com grandes empresas no mercado convencional. A Agroecologia, segundo a Cartilha 2 Caminhando e Plantando (Acervo SerrAcima, 2012) sobre agroecologia, traz dados correspondentes a primeira turma de agricultores agroecológicos em Cunha, formados no curso de Produção agroecológica.

A agricultura agroecológica, pode ativar o potencial interno do município de Cunha, marginalizado no processo de modernização adotado pelo Estado de São Paulo, com o objetivo de construir

⁶ De acordo com IBGE são considerados jovens dos 15 aos 24 anos.

coletivamente alternativas para o desenvolvimento local, é somar esforços a um movimento nacional e global.

Sendo confirmada em SEVILLA-GUZMÁN (2001). “(...) representa um salto de qualidade em direção à agricultura com sustentabilidade em seus aspectos multidimensionais. Ela também é vista como estratégia metodológica de transformação social”. Ou seja, não apenas uma porta para um mercado ainda pouco explorado na região como também uma oportunidade de resgate cultural. Como os próprios agricultores contam:

Agricultor A: (...) A gente já “tava” querendo mudar, procurando novo mercado e a SerrAcima chegou com essa proposta de mudar para agricultura agroecológica, esse novo mercado “pra” gente, aí eu falei ‘vamo experimentar, né’, já “tamo” na chuva então vamos “si” molhar. Eu e minha mãe entramos na primeira turma do curso de agroecologia e comercialização da SerrAcima, aé fiquei no pé do meu pai também e ele fez a turma dois e em seguida e enquanto isso a gente já começou a trabalhar com a feira e alimentação escolar. Me convidaram para fazer parte da diretoria da Serracima, eu e mais um agricultor. Fiquei um ano e meio e agora eu sou tesoureiro também. (...) graças a Deus “tamo” produzindo bem, vendendo na feira bastante coisa e não pretendo parar não.

Agricultora B: Desde que começou os “projeto” da SerrAcima né com os “agricultor” desde 2009 eu acho, mas eu conheço a SerrAcima já tem uns 10 anos. Depois desse ano mudou a equipe técnica “mais nois continuamo” trabalhando com esses temas de agroecologia né. Sustentabilidade e o alimento limpo, que nós “colocamo” na mesa do consumidor né. Surgiu a ideia em 2010 de fazer uma feira agroecológica né, porque produto agroecológico em Cunha não existia para comprar e a gente percebia que a qualidade de vida de que vivia ali no município era muito ruim né. Então através disso que “nois começamo” a trabalhar o produto agroecológico no município. Esta despertando interesse de muita gente, que nós iniciamos através da SerrAcima, Ai a gente se juntou, porque “nois” sozinho, a gente não é ninguém então juntou para fazer um barulho pra quem trabalhava dentro do município de cunha e também evitar que essa juventude vai embora cidade né. O que a gente tá vendo no dia a dia é que os “jovem” não vê oportunidade nessas “roça” sem qualidade de vida, eles migram pra cidade e “vevem” numa péssima condição. Então, esse é objetivo nosso, despertar o interesse do jovem também pra ficar no campo e trabalhar gerar renda no município de Cunha. Por que também todas as alternativa que você tem hoje dia na cidade você pode ter na roça, a gente procura falar até pra nossa filha pra ver se nós segura ela por aqui na roça.

Devo esclarecer que a entrevista com um desconhecido pode ser um fator intimidador, podendo acarretar a respostas curtas ou menos formuladas; pude notar no

caso de alguns dos jovens entrevistados certa timidez. Freire (2001, p.32): *Reconhecemos que a simples presença de objetos novos, de uma técnica, de uma forma diferente de proceder, em uma comunidade, provoca atitudes que podem ser de desconfiança, de recusa, total ou parcial, como de aceitação também.*

Aos entrevistados do grupo dos estudantes questionou-se a respeito de como suas escolas tratavam sobre assuntos do campo, como por exemplo, agricultura familiar e agroecológica, tema rotineiro dentro de suas casas visto que seus pais e/ou familiares compunham o GAFAC. Obtive as seguintes respostas:

Estudante A: “Fala” sim

Estudante B: Fala assim, sobre alimentação assim, não muito.

Estudante C: (...) Até tem uma horta lá que, eles “tavam”... eles estavam cuidando da horta, tem bastante coisa já, mas é só no esterco⁷ mesmo, coloca nada não. A gente escuta falar bastante também, se eu não me engano, parece que vai ter palestra sobre alimentação agroecológica alguma coisa assim.

Inserindo o contexto familiar na questão, arguiu-se sobre sua participação nas atividades realizadas dos seus pais, como exemplo da Feira agroecológica, dos cursos para produção orgânica (atividades organizadas via SerrAcima) ou falavam sobre essa temática dentro de casa. As respostas divergiram entre si, novamente destacando a maior participação da Estudante C.

Estudante A: Escuto sim.

Estudante B: Juliana: Você e seus pais conversam sobre a produção agroecológica, conversam sobre isso?

Estudante B: Sim.

Juliana: Eles te incentivam, a pesquisar mais sobre isso, interagir mais com esse meio ou eles te incentivam a ir trabalhar na cidade?

Estudante B: Ah (...) Eles falam o que eu quiser fazer é isso e pronto.

Estudante C: Juliana: Você já foi nesses cursos da SerrAcima com sua mãe, de produção agroecológica?

⁷ Esterco é o termo popular utilizado para denominar o excremento bovino ou suíno utilizado como adubo na agricultura familiar e de pequena escala.

Estudante C: Uhum...Muitas vezes eu fui. Presto atenção nos cursos às vezes assim. Fico prestando atenção no que eles falam. Até que é bem divertido assim, não é igual os cursos, “é” bem diferente um do outro

Este resultado se contrapõe com o trabalho realizado por Zotis (2011) para região campesina no município de Camargo-RS, onde apontou os resultados sobre interesse na vida no campo apenas nos homens, lembrando que a Estudante C trata-se de uma mulher, foi o resultado mais expressivo na participação na atividade do seu núcleo familiar.

Quando se perguntou aos estudantes se podiam imaginar-se trabalhando futuramente em atividades do campo ou na cidade. Pude perceber neste momento, ao comparar as respostas, que a estudante C quais os seus familiares estavam envolvidos há mais tempo com o Grupo de Agricultores Agroecológicos de Cunha, apresentou uma perspectiva mais positiva da atividade campestre.

Estudante A: Ah, não sei; depende né, futuro é “complicado”.

Juliana: Você gosta da vida aqui no campo?

Estudante A: Gosto, gosto sim, é legal.

Juliana: Você se interessa pela maneira de produção do seu pai? Você vê como uma possibilidade de trabalho?

Estudante A: Eu gosto sim, é importante, “mais” por enquanto “tá” com pouca venda, não dá muito lucro.

Estudante B: Juliana: Você sabe mais ou menos o que você quer fazer no futuro?

Estudante B: Por enquanto não (risos).

Juliana: Você gosta de campo, do trabalho no campo?

Estudante B: Gosto

Estudante C: Juliana: E você acha que o campo pode te dar uma possibilidade de renda? De uma maior renda?

Estudante C: Acho..., Acho que sim, pode até da uma renda maior do que...,do que numa..., faculdade assim que a gente for entrar, até que eu vejo o pai assim colhendo as coisas assim né, eu falei..., quando o pai começou na feira assim né , voltava com pouco dinheiro em casa, mas agora já “ta” redendo bastante, eu vejo assim que dá pra tirar um bom sustento da roça.

Juliana: E você? Pretende ir para cidade?

Estudante C:(Risos) Sair daqui não, mas fazer uma faculdade aceitar um trabalho sim!

Ainda sobre esta questão a Agricultora B fez a seguinte colocação:

Juliana: Então vocês incentivam sua filha a ficar por aqui e trabalhar aqui também?

Agricultora B: É eu não sei qual a ideia dela, se é ficar, mas o objetivo nosso é criar oportunidade pra ela poder morar aqui e ter todas as oportunidades que poderia ter na cidade. Ou até melhor porque a qualidade de vida na cidade não nada boa. E nem é só isso porque hoje em dia todos os acessos que tem na cidade você pode ter na roça, internet, celular tudo disponibilizado na roça, então hoje se o jovem quiser estudar, ele pode estudar até da roça mesmo, ele tem condição de estudar e voltar. Eu tenho um sobrinho que faz faculdade em Taubaté a distância de educação no campo e faz estágio na escola da minha filha e fica um período de julho e janeiro em Taubaté.

Dados colhidos nos relatos apontam que as escolas localizadas no campo em Cunha em que os estudantes estão matriculados, são escolas que meramente se localizam no campo, não se integram junto aos assuntos que envolvem a realidade do campo; acarretando num distanciamento entre a escola e a comunidade. De acordo com os depoimentos dos estudantes, preparam os alunos para cidades. Retomando o conceito da escola cujo modelo de ensino pautado na realidade da zona urbana e não na realidade do campo.

Podemos fazer um paralelo das entrevistas de alunos e agricultores quando se mencionava a participação da escola na decisão dos alunos em irem ou não para os centros urbanos. Destacam-se os depoimentos:

Estudante A: Juliana: E você acha que na sua escola te preparam para atuar no campo ou na cidade? Os professores te incentivam quando terminar os estudos a ir para cidade?

Estudante A: Mais para cidade.

Estudante C: Juliana: E na sua escola você acha que eles te preparam para atuar aqui no campo ou para trabalhar ou estudar na cidade?

Estudante C: Olha...Os dois, mais prepara mesmo para fora assim, porque é muita gente, eu vejo muita gente assim que “num” quer ficar na roça né, eles dizem que a gente tem subir na vida né, quer ficar assim, “pra”(...) Não quer ficar na roça assim, quer trabalhar em algum coisa, não em agricultura.

O relato da Agricultora B há menções do papel da escola como agente formador de opiniões. Relata principalmente a respeito de como a escola poderia ajudar no diálogo com os estudantes a respeito das oportunidades de atuação no campo, a seguir:

Juliana: Você acha que seria importante na escola ter esse tipo de conversa?

Agricultora B: Eu vejo que é pouco eles deviam falar mais, tem uns professor também que não entende o trabalho do homem do campo, eu acho que precisa qualificar o professor também, porque ele é o que tem mais “condição” de conversar com os alunos e falar também das oportunidades que tem na roça. (...) Hoje já existe professor assim “mais” eu ainda acho pouco. Porque o que eu vejo até os pais acham que o filho terminou o terceiro ano do ensino médio né, tem que ir pra cidade fazer uma faculdade e morar na cidade. É um conceito que já vem enraizado que são passados, de que as oportunidades só se têm na cidade.

De acordo com esses relatos, sendo posteriormente reafirmado através dos relatos dos pais e familiares, acredita-se que os temas que se relacionam a realidade do campo, tratados dentro de sala de aula se restringem a alimentação saudável e agricultura sem agrotóxicos. Em Peres (2009) trata da necessidade de uma educação que leve em conta as especificidades dos lugares, uma vez que, cada fragmento do espaço possui formas de vida diferenciadas, o que demanda um olhar pedagógico que contemple essas diferenças, respeitando e valorizando o saber social da comunidade que ali produz e reproduz seu espaço de vida.

Kolling (1999) salienta que a luta por uma educação voltada à realidade dos sujeitos do campo, tem como finalidade promover desenvolvimento sociocultural e econômico respeitando diferenças históricas, uma educação que contribua para a permanência e a reprodução dos homens do campo e a melhora de sua qualidade de vida. Para isso não basta ter escolas no campo, é necessário construir escolas do campo,

escolas com um Projeto Político Pedagógico vinculado às causas, aos desafios, aos sonhos, à história e à cultura do povo trabalhador do campo.

Diante desses fatos finalizo esta monografia com certa inquietação, pois apesar de termos escolas que se localizam no campo, ainda são raras as escolas que se relacionam como parte integrante do campo e enquanto isso, mais e mais jovens migram para as cidades descrentes do potencial atuante que teriam.

4. ANEXOS

ANEXO I – Perguntas Norteadoras

ESTUDANTES:

1. Qual a idade? Qual ano ou série?
2. Em sua escola você sabe de onde vêm os legumes, frutas e verduras da merenda?
3. Nas aulas de biologia ou ciências tiveram alguma conversa sobre alimentos sem agrotóxicos?
4. Suas professoras falam da produção orgânica ou agroecológica?
5. Você gosta da vida aqui no campo? Tem vontade sair?
6. Sua escola fala de assuntos do campo? Eles te incentivam a ir para cidade para conseguir trabalho?
7. Você pretende continuar os estudos? Como uma faculdade?
8. Você fala com seus pais ou parentes sobre trabalhar no campo ou na cidade?

AGRICULTORES:

1. Como é sua produção de frutas e hortaliças?
2. Vocês utilizam de produtos químicos em algum momento da produção? Por exemplo: Mata-pasto, herbicidas e inseticidas?
3. Como passaram a produção agroecológica, foi iniciativa própria ou teve alguma intervenção?
4. Você continua a frequentar cursos oferecidos pela SerrAcima referente a produção agroecológica?
5. Vocês tem alguma relação com a escola onde seus filhos/netos estudam? Vendem produtos para escola?
6. Seus filhos, se os tiverem se interessam pela produção orgânica?
7. Vocês incentivam seus filhos a irem pra cidade em busca de trabalho quando terminarem a escola? Ou você já foi para cidade em busca de trabalho?

ANEXO II – Entrevistas

(...) - Pausa prolongada ... - Pausa rápida *** - Nome preservado

“” - Gírias ou termos em desacordo com a língua portuguesa padrão.

Entrevista Estudante A

Juliana: Olá?

Estudante A: Sim.

Juliana: Qual série você está?

Estudante A: Primeiro b.

Juliana: Primeiro ano...

Juliana: Sua escola pertence à Cunha?

Estudante A: Pertence.

Juliana: Você tem aulas de Biologia?

Estudante A: Biologia.

Juliana: Na aula de Biologia você ouve, em algum momento, falando agricultura sem agrotóxicos, de alimentos orgânicos?

Estudante A: fala sim.

Juliana: Falam o que, mais ou menos?

Estudante A: Aah... Difícil explicar agora.

Juliana: Eles chegam a falar do uso de agrotóxicos na alimentação? Produção orgânica no campo?

Estudante A: “Fala” sim.

Juliana: Você sabe da onde vem à merenda da sua escola? São produtos sem agrotóxicos?

Marcos: as verduras são orgânicas mas as frutas eu não sei.

Juliana: Quem fornece as verduras?

Estudante A: Ah o grupo de agricultor da SerrAcima. E as frutas eu não sei (...) que vem de cunha direto, eu não sei se é orgânica, né?

Juliana: E você acha que na sua escola te preparam para atuar no campo ou na cidade? Os professores te incentivam quando terminar os estudos a ir para cidade?

Estudante A: Mais para cidade.

Juliana: E você tem vontade de ir para cidade quando terminar os estudos?

Estudante A: Ah, não sei; depende né, futuro é “compricado”.

Juliana: Você gosta da vida aqui no campo?

Estudante A: Gosto, gosto sim, é legal.

Juliana: Você se interessa pela maneira de produção do seu pai? Você vê como uma possibilidade de trabalho?

Estudante A: Eu gosto sim, é importante, “mais” por enquanto “tá” com pouca venda, não dá muito lucro.

Juliana: Por quê? A procura por esses alimentos é menor?

Estudante A: É, e tem “mais pouca” pessoas também na região. Então não interessa, por aqui quase todo mundo planta né, para consumo.

Juliana: Então todos por no seu bairro consome o que produz?

Estudante A: Tudo aqui.

Juliana: Você participa com seu pai dos eventos e cursos da SerrAcima sobre produção agroecológica, como ouvinte?

Estudante A: Escuto sim.

Juliana: Seu pai produz alimentos para vender na feira agroecológica de Cunha?

Estudante A: Produz “mais pra” entregar na escola e nas “feira” também. Feira de Campos Novos⁸.

Juliana: Você tem vontade de fazer faculdade?

Estudante A: Faculdade? Tenho sim, importante. (...) sair por agora... Passar é interessante.

Juliana: Na escola falam sobre isso?

⁸ Campos novos é um distrito de Cunha localizado a cerca de 30 km do centro da cidade.

Estudante A: E eles já “tão” querendo fazer um grupo de estudo já “pa” preparar os alunos “pra” faculdade. “Num” sei, mas faculdade é interessante.

Entrevista Estudante B

Juliana: Na sua escola se fala sobre alimentos saudáveis? Por exemplo, você sabe se sua merenda eles usam alimentos com agrotóxicos, por exemplo, nas saladas, nas frutas que eles oferecem “pra” vocês?

Estudante B: Ah, não sei, porque o povo da SerrAcima⁹ “memo” é que entregam lá né, num é “pra” ter “agotóxico”.

Estudante B: Pelo que eu sei, não.

Juliana: Então parte da sua alimentação vem desse grupo?

Estudante B: Sim, as verduras os legumes.

Juliana: Seu pai entrega também?

Estudante B: Ainda não, a mãe entrega ali em baixo né. (aponta para uma residência)

Juliana: Sua escola fica aonde?

Estudante B: Em campos Novos.

Juliana: Você tem professor (a) de ciência certo?

Estudante B: Tenho.

Juliana: O(a) professor(a) de ciência geralmente falam assuntos sobre o campo, como a agricultura com vocês? Conversa sobre o que?

Estudante B: Fala assim, sobre alimentação assim, não muito.

Juliana: não muito? Falam da importância de sempre comer alimentos de alimentos saudáveis né... de boa origem.

Estudante B: Uhum..

Juliana: Você e seus pais conversam sobre a produção agroecológica, conversam sobre isso?

Estudante B: Sim.

⁹ Ao se referir ao “povo da SerrAcima”, se trata do Grupo de Agricultores Agroecológicos de Cunha, na oralidade é comum integrar a organização SerrAcima pois o grupo surgiu através do projeto da SerrAcima e parte de suas atividades estão diretamente ligada a esta organização.

Juliana: Eles te incentivam, a pesquisar mais sobre isso, interagir mais com esse meio ou eles te incentivam a ir trabalhar na cidade?

Estudante B: Ah (...) Eles falam o que eu quiser fazer é isso e pronto.

Juliana: Você sabe mais ou menos o que você quer fazer no futuro?

Estudante B: Por enquanto não (risos).

Juliana: Você gosta de campo, do trabalho no campo?

Estudante B: Gosto

Juliana: Obrigado

Entrevista Estudante C

Juliana: Quantos anos você tem?

Estudante C: 15.

Juliana: Você estuda em Cunha?

Estudante C: Não, estudo “num” bairro vizinho, tem um “colegiozinho” que vai até o primeiro colegial.

Juliana: A sim, mas esse bairro daqui pertence a que cidade?

Estudante C: De cunha mesmo.

Juliana: Distante do centro, não é?

Estudante C: É.

Juliana: Queria perguntar se na sua escola você escuta falar sobre agricultura orgânica, produção agroecológica? Soube que seus pais produzem alimentos para feira agroecológica de Cunha.

Estudante C: (...) Até tem uma horta lá que eles “tavam”..., eles estavam cuidando da horta assim, tem bastante coisa já mas é só no esterco mesmo, coloca nada não. A gente escuta falar bastante também se eu não me engano, parece que vai ter palestra sobre alimentação agroecológica alguma coisa assim.

Juliana: E dentro da sala de aula os professores tratam disso?

Estudante C: Sempre falam disso, sempre tem alguma coisa falando sobre isso.

Juliana: E na sua escola você acha que eles te preparam para atuar aqui no campo ou para trabalhar ou estudar na cidade?

Estudante C: Olha...Os dois, mais prepara mesmo para fora assim, porque é muita gente, eu vejo muita gente assim que “num” quer ficar na roça né, eles dizem que a gente tem subir na vida né, quer ficar assim, “pra” (...) Não quer ficar na roça assim, quer trabalhar em algum coisa, não em agricultura.

Juliana: Uhum...

Estudante C: Eu vejo muito gente fazendo assim, e também acho que a escola assim, ajuda nisso também, a pegar um emprego melhor do que na roça também.

Juliana: E você não acha que o campo não pode te dar essa possibilidade de renda? De uma maior renda?

Estudante C: Acho..., Acho que sim, pode até da uma renda maior do que, do que numa..., faculdade assim que a gente for entrar, até que eu vejo o pai assim colhendo as coisas assim né, eu falei..., quando o pai começou na feira assim né , voltava com pouco dinheiro em casa, mas agora já “ta” redendo bastante, eu vejo assim que dá pra tirar um bom sustento da roça.

Juliana: Ele trabalha só na agricultura ou produz leite também?

Estudante C: Não, só na agricultura.

Juliana: E você? Pretende ir para cidade?

Estudante C:(Risos) Saí daqui não, mas fazer uma faculdade aceitar um trabalho sim!

Juliana: Faculdade à distância, você quer dizer?

Estudante C: É... Se eu for, eu prefiro fazer essa daí.

Juliana: Uhum, então você quer atuar aqui?

Estudante C: Uhum. Certeza, aqui é muito bom, viver aqui.

Estudante C: Bem melhor do que muita coisa que eu vejo aí... eu não vejo a cidade qualidade de vida, aqui é muito melhor, não tem poluição...

Juliana: Você já foi nesses cursos da SerrAcima com sua mãe, de produção agroecológica?

Estudante C: Uhum...Muitas vezes eu fui. Presto atenção nos cursos às vezes assim. Fico prestando atenção no que eles falam. Até que é bem divertido assim, não é igual os cursos, “é” bem diferente um do outro.

Juliana: E eles vendem os produtos produzidos aqui para as escolas?

Estudante C: Vendem!

Juliana: Para escola que você estuda?

Estudante C: Uhum recebe, sempre recebe lá. Parece que é toda segunda se eu não me engano, “recebe” alface, couve essas coisas assim.

Entrevista Agricultor A

Juliana: Primeiramente gostaria de saber como é sua produção?

Agricultor A: Ah (...) começar pela história da minha família neh, “noi viemo” embora “pra” Cunha vai fazer 12 anos, e até então no começo “noi produzia” convencional, da maneira convencional. Aí de 6 anos pra cá, “nois” mudamos completamente para agricultura agroecológica, foi assim radical mesmo, do dia pro outro, “nois começamo” a produzir agroecológico.

Juliana: Mas vocês decidiram por si ou teve alguma intervenção?

Agricultor A: Através da SerrAcima e a gente já “tava” querendo mudar, procurando novo mercado e a SerrAcima chegou com essa proposta de mudar para agricultura agroecológica, esse novo mercado “pra” gente, aí eu falei ‘vamo experimentar, né’, já “tamo” na chuva então vamos “si” molhar. Eu e minha mãe entramos na primeira turma do curso de agroecologia e comercialização da SerrAcima, aê fiquei no pé do meu pai também e ele fez a turma dois e em seguida e enquanto isso a gente já começou a trabalhar com a feira e alimentação escolar. Me convidaram para fazer parte da diretoria da Serracima, eu e mais um agricultor. Fiquei um ano e meio e agora eu sou tesoureiro também.

Juliana: Você é agricultor e também tesoureiro na SerrAcima?

Agricultor A : Isso. E já fui vice presidente da ong

Juliana: A única participação na escola do grupo de agricultores, a qual pertence, é fornecendo alimentos?

Agricultor A: É fornecendo alimento só. (...) Eu em 2013 eu comecei a fazer educação no campo, Licenciatura em Educação no Campo então até cheguei a ter contato com outros alunos da zona rural na escolinha próximo a minha propriedade. Foi uma

experiência muito curto, porque quando eu tive acesso a grade curricular do curso eu vi que não era nada ver com o que eu queria, por que a grade era mais matemática e química e eu queria ciências agrárias o que chegava mais perto do que eu queria era biologia, mais ai eu resolvi parar e não tive mais contato como aluno. Só através do PNAE¹⁰ e também já “tô” com 5 anos “entregano” na alimentação escolar.

Juliana: Você tem filho ou parentes em idade escolar?

Agricultor A: Não, é recém-nascido e o meu sobrinho tem 4 anos. (...) Mas a gente se preocupa de entregar alimentos, não só pelo financeiro, mais a questão de saúde mesmo. o que eu ofereço “pro” filho dos outros é o que eu quero pro meu. Graças a Deus “tamo” produzindo bem, vendendo na feira bastante coisa e não pretendo parar não.

Juliana: Muito obrigado

Agricultor A: Nada (risos)

Entrevista Agricultor B

Juliana: Olá gostaria primeiramente que você falasse como começou a produzir de maneira agroecológica e como foi?

Agricultor B: Desde que começou os “projeto” da SerrAcima né com os “agricultor” desde 2009 eu acho, mas eu conheço a SerrAcima já tem uns 10 anos. Depois desse ano mudou a equipe técnica “mais nois continuamo” trabalhando com esses temas de agroecologia né. Sustentabilidade e o alimento limpo, que nós “colocamo” na mesa do consumidor né. Surgiu a ideia em 2010 de fazer uma feira agroecológica né, porque produto agroecológico em Cunha não existia para comprar e a gente percebia que a qualidade de vida de que vivia ali no município era muito ruim né. Então através disso que “ nois começamo” a trabalhar o produto agroecológico no município. Esta despertando interesse de muita gente, que nós iniciamos através da SerrAcima, Ai a gente se juntou, porque “nois” sozinho, a gente não é ninguém então juntou para fazer um barulho pra quem trabalhava dentro do município de cunha e também evitar que essa juventude vai embora cidade né. O que a gente tá vendo no dia a dia é que os

¹⁰ PNAE - Programa de Alimentação Escolar

“jovem” não vê oportunidade nessas “roça” sem qualidade de vida, eles migram pra cidade e “vevem” numa péssima condição. Então, esse é objetivo nosso, despertar o interesse do jovem também pra ficar no campo e trabalhar gerar renda no município de Cunha. Por que também todas as alternativa que você tem hoje dia na cidade você pode ter na roça, a gente procura falar até pra nossa filha pra ver se nós segura ela por aqui na roça.

Juliana: Então vocês incentivam sua filha a ficar por aqui e trabalhar aqui tambem?

Agricultor B: É eu não sei qual a ideia dela, se é ficar, mas o objetivo nosso é criar oportunidade pra ela poder morar aqui e ter todas as oportunidades que poderia ter na cidade. Ou até melhor porque a qualidade de vida na cidade não nada boa. E nem é só isso porque hoje em dia todos os acessos que tem na cidade você pode ter na roça, internet, celular tudo disponibilizado na roça, então hoje se o jovem quiser estudar, ele pode estudar até da roça mesmo, ele tem condição de estudar e voltar. Eu tenho um sobrinho que faz faculdade em Taubaté a distância de educação no campo e faz estágio na escola da minha filha e fica um período de julho e janeiro em Taubaté.

Juliana: Você acha que seria importante na escola ter esse tipo de conversa?

Agricultor B: Eu vejo que é pouco eles deviam falar mais, tem uns professor tambem que não entende o trabalho do homem do campo, eu acho que precisa qualificar o professor também, porque ele é o que tem mais “condição” de conversar com os alunos e falar também das oportunidades que tem na roça. (...) Hoje já existe professor assim “mais” eu ainda acho pouco. Porque o que eu vejo até os pais acham que o filho terminou o terceiro ano do ensino médio né, tem que ir pra cidade fazer uma faculdade e morar na cidade. É um conceito que já vem enraizado, que são passados, de que as oportunidades, só se tem na cidade.

Juliana: O trabalho de vocês na escola se restringe só a entregar alimento?

Agricultor B: (...) Não adianta a gente só entregar o alimento limpo, se na escola não sabem o significado que aquele alimento tem, então a gente também vai trabalhar em cima disso. (...) Esses dias um professor de biologia da *** que eu mandei um monte de material, cartilha e folheto sobre o que os agricultor faz, o que eu tinha aqui eu mande pra escola pra fazer esse trabalho. Então é...pra mim foi satisfatório, porque é um material que eu to trabalhando que eu ajudo a fazer.

Juliana: Muito obrigado ***

REFERENCIAS

ALBERTI, V., FERNANDES, TM., and FERREIRA, MM., orgs. História oral: desafios para o século XXI [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. 204p. ISBN 85-85676-84-1. Disponível em: SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

ANDRADE, M.R.; DI PIERRO, M.C. Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária em Perspectiva: dados básicos para uma avaliação. São Paulo: Ação Educativa, 2004.

ARROYO, Miguel G. & Bernardo Mançano Fernandes. A educação básica e o movimento social do campo – Brasília, DF: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo, 1999. Coleção Por uma Educação Básica do Campo, n° 2.

ARROYO, M.G.; CALDART, R.S.; MOLINA, M.C. (Org.). Por uma educação do campo. Petrópolis: Vozes, 2004.

ARROYO, Miguel G.; Mônica Castagna Molina e Sonia Meire Santos Azevedo de Jesus. Contribuições para a construção de um projeto de educação do Campo – Brasília, DF: Articulação Nacional Por uma Educação Básica do Campo, 2004. Coleção Por uma Educação Básica do Campo, n° 5.

BENJAMIN, César e CALDART, Roseli Salete. Projeto popular e escolas do campo. Brasília, DF: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo, 2000. Coleção por uma Educação Básica do campo, n. 3.

BRASIL, Censo Escolar 2014 Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/basica-censo>. Acesso em: Dez/2015.

BRASIL, Constituições Federais. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/principal.htm>. Acesso em: OUT/2015.

FREIRE, P. Extensão ou Comunicação? São Paulo: Editora Paz e Terra, 2001, 11° edição. 93 p.

GUZMÁN, Eduardo Sevilla. Uma estratégia de sustentabilidade a partir da agroecologia. Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 35-45, 2001.

IBGE. Instituto Brasileiro de Pesquisa em Estatística. Sinopse Censo Demográfico 2010. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=351360&idtema=1&search=sao-paulo|cunha|censo-demografico-2010:-sinopse->. Acesso em: Dez/2015.

IBGE. Instituto Brasileiro de Pesquisa em Estatística. Pirâmide etária de Cunha/Censo 2010. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/populacao.php?lang=&codmun=351360&search=sao-paulo|cunha|infogr%E1ficos:-evolu%E7%E3o-populacional-e-pir%E2mide-et%E1ria>. Acesso em: Dez/2015.

INEP/ MEC, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Panorama da educação no campo. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007. 44 p.; tab. Disponível em: <<http://www.redler.org/panorama-educacao-campo.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

JESUS, Vania Cristina Pauluk De. PROPOSTA PARA EDUCAÇÃO NO CAMPO E DEMANDAS DOS TRABALHADORES. 2006.

KOLLING, Edgar J & MOLINA, Mônica C. (Org.). Por uma Educação Básica do Campo. nº 1. Brasília, DF. *Articulação Nacional Por uma Educação Básica do Campo*, 1999. Coleção Por uma Educação Básica do Campo.

LEITE, S.C. Escola rural: urbanização e políticas educacionais. São Paulo: Cortez, 1999.

MARTINS, F. J. Educação do Campo: processo de ocupação social e escolar. Congresso Intern. Pedagogia Social, mar. 2009.

MIRANDA AC. O dilema da Rio +20 [editorial]. *CienSaude Colet* 2012; 17(2):284.

LEITE, S. C. Escola Rural: Urbanização e Políticas Educacionais. São Paulo. Cortez, 1999.

OLIVEIRA, L.M. e SOARES, A.M.D. Ensino Técnico Agrícola e Formação de Professores: novas perspectivas ou uma “velha” receita? In: MOREIRA, R.J. Identidades sociais: ruralidades no Brasil contemporâneo. 1 ed. Rio de Janeiro:DP&A, 2005

PERES, P. C.; WIZNIEWSKY, C. R. F.. A Escola E Seu Papel Na Formação Dos Sujeitos Do Campo: O Caso Da Escola Municipal De Ensino Fundamental Bernardino Fernandes, Distrito Pains, Santa Maria, Rs., 2009.

PETERSEN, Paulo; SILVEIRA, Luciano. Construção do conhecimento agroecológico em redes de agricultores-experimentadores: a experiência de assessoria ao Pólo Sindical da Borborema. Construção do Conhecimento, 2007.

PRONERA. Cartilha PRONERA Já: Pela Implementação imediata do Programa Nacional de Redução de Agrotóxicos. 1 ed. Rio de Janeiro, 2015.

SANTOS, R. B.. A Educação Do Campo E O Ensino De História: Possibilidades De Formação Countryside Education And Teaching Of History: possibilities of qualification. PerCursos, v. 12, n. 1, p. 183-191 183-196, 2011.

SANTOS, Ramofly Bicalho. Avanços e possibilidades da educação do campo no Brasil. Recôncavo: Revista de História da UNIABEU, v. 1, n. 1, p. 100-115, 2011.

SANTOS, R. B. Educação Do Campo E Pedagogia Da Alternância Na Formação Do Professor Recôncavo: Revista de História da UNIABEU Ano 3 Número 4 Janeiro - Julho de 2013.

SOUZA, M. A. Educação Do Campo: Políticas, Práticas Pedagógicas E Produção Científica. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 29, n. 105, p. 1089-1111, set./dez. 2008

ZÓTIS, Tássia Scariot. Causas e consequências da evasão de jovens da comunidade rural de São Vitor, município de Camargo/RS. 2011.

Sites consultados:

Portal de Cunha. <http://www.portaldecunha.com.br/>. Acesso em Dez 2015.

Secretaria da Educação de Cunha. <http://www.cunha.sp.gov.br/educacao/> Acesso em Dez 2015

SerrAcima. <http://www.serracima.org.br/>. Acesso em: Out/2015